

O que é a saúde para o sexo?

Este título exige, primeiramente, uma pesquisa sobre os termos que compõem sua estrutura semântica: o que é a saúde para o sexo?

Pode-se recorrer, como usualmente se faz, à definição que se encontra no Aurélio para a palavra saúde: “[Do lat. *salute*, 'salvação', 'conservação da vida'.] S. f. 1. Estado do indivíduo cujas funções orgânicas, físicas e mentais se acham em situação normal; estado do que é sadio ou são”.

Mais do que a própria significação que se pode verificar, destaca-se a raiz latina, ou seja, “conservação da vida”, “salvação”.

No entanto, essa “conservação da vida”, essa “salvação” podem ter significados diferentes quando nos referimos à medicina ou à psicanálise.

Enquanto na medicina a saúde pode ser definida como no Aurélio — estado do

indivíduo cujas funções orgânicas, físicas e mentais se acham em situação normal — para a psicanálise o conceito de normal merece ser explicitado.

Quanto ao sexo, pode-se assinalar que, para a medicina, ele está relacionado diretamente ao órgão e a seu funcionamento, sendo, por isso, que a medicina trata as disfunções a partir do órgão, confiando em poder fazer surgir o desejo. Para a psicanálise, o sexo é relativo a um sujeito que se caracteriza por sua "falta-a-ser", por isso vão-se tratar as disfunções pelas relações que esse sujeito estabelece com o objeto de seu desejo, na esperança, por que não?, de se resolver os impasses apresentados pelas anormalidades de função do órgão.

Para levar à frente nosso trabalho, será preciso introduzir aqui um outro conceito: o sintoma. É pelo sintoma, como aquilo que diz de uma disfunção qualquer, que se pode

verificar as diferenças, teórica e prática, das abordagens propostas pela medicina e pela psicanálise. Será, pois, através do sintoma que será encaminhada a questão: “O que é a saúde para o sexo?” Em outros termos, tratar-se-á o tema da saúde pelo sintoma para verificar que, como veremos adiante, a saúde, do ponto de vista psicanalítico, consiste em saber fazer algo com o sintoma.

O sintoma, visto pela psicanálise, pode ser definido de uma forma bem simples: é uma solução para se evitar o encontro com a castração.

A castração, outro conceito aqui introduzido, pode ser entendida como um "menos-degozo" que advém da extração que o significante opera no campo do Outro. Isto esclarece a idéia de que, para o ser humano, o gozo — termo que deve ser situado em oposição a um outro: o prazer — está desde sempre marcado por uma perda, o que implica que a insatisfação é a marca que

caracteriza todo psiquismo. Essa é a operação que traz como consequência, como efeito, o sujeito do inconsciente, e instala, no mesmo movimento, o que se denomina um mal-estar, um certo incômodo representado pela presença de um objeto que foi extraído do campo do Outro e que permanece como um resto não absorvido pelo simbólico, ou seja, um resto que permanece como o mais íntimo e, também, absolutamente estranho para cada sujeito. Essa presença, marcando um impossível, vai gerar um movimento de busca incessante. Esse movimento tem a intenção explícita de restituir o *status quo* anterior na busca do gozo perdido, esclarecendo que é a partir do que se chama "menos-de-gozo! que se vai instalar o que Lacan denominou *Automaton*— a repetição da impossibilidade de uma cadeia significante. Essa repetição, ou seja, isso que “não precisa de se escrever” é uma necessidade que vem dizer da impossibilidade (o que “não precisa de não se escrever”) que o próprio recalque originário

(*Urverdrängung*) produz. Contudo, todo esse movimento só se sustenta por existirem pontos de encontros — *tiqué*— que, pelo fato mesmo de serem sempre faltosos, acenam com a possibilidade de uma certa realização.

Assim, entre o que “não precisa de não se escrever” (o impossível) e o que “não precisa de se escrever” (necessário), vai-se deparar com um sujeito que, como diz Freud, tem que se haver com um dispêndio de energia adicional para lutar contra o desprazer (*Unlust*) ou sofrimento (*Leiden*) que essa situação cria. Sendo isso o que todo ser falante tem como fundamento de sua estrutura, existe, ainda conforme Freud, uma condição na formação de sintomas para cada sujeito.

O sintoma, tal como definido por Freud, é “o resultado de um conflito, que surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido (*Libidobefriedigung*). As duas forças que

entraram em luta — que poderiam ser representadas pelos dois movimentos: “necessa de não se escrever” e “necessa de se escrever” — encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado”. Em outras palavras pode-se dizer que esse “acordo” seria uma negociação feita de tal forma que o sujeito diria assim: “pago um preço para não saber que existe algo que 'necessa de não escrever', e esse preço é uma satisfação substitutiva que, ao mesmo tempo em que provoca um certo desprazer (*Unlust*), é onde posso obter minha satisfação”.

Então, têm-se alguns dados que são muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho: o sintoma é uma tentativa de criar uma harmonia, ali, onde um menos se instalou, provocando uma desarmonia.

O sintoma: psicanálise e medicina

É nesse ponto que se pode ver

uma discordância fundamental entre os conceitos de sintoma para a medicina e para a psicanálise. Se, por um lado, a posição médica se refere à noção de harmonia como um objetivo a alcançar quando se está diante de um sintoma — este, portanto, aparecendo como o que perturba e destrói a harmonia —, o sentido do sintoma vai mudar caso a referência formal seja a harmonia que ele vem perturbar, mas, sim, o fato de que ele é harmônico a uma falta, a um menos, ou seja, à castração. J.- A. Miller, em um texto sobre o envelope formal do sintoma, diz que a palavra sintoma contém o radical “sin”, que quer dizer síntese, reunião, conjunto, o que vem junto, o que coincide. Dessa forma, o sintoma é o que faz coincidir duas coisas: a castração e a satisfação.

A castração é “o ser do sintoma”, seu núcleo. Esse núcleo vai se apresentar brulhado, envolvido pelo “envelope formal do sintoma” — seu invólucro significante. Esse termo, utilizado por Lacan no texto *De nossos*

antecedentes, surge de um certo retorno à psiquiatria clássica de Clérambault e da “necessidade que levou Lacan à psicanálise” por ocasião do seu famoso caso Aimée: “Pois a fidelidade ao envelope formal do sintoma, que é o verdadeiro traço clínico do qual tomamos o gosto, leva-nos a esse limite onde ele retorna em efeitos de criação”. Esta afirmação de Lacan, feita em 1966, aparece como um prenúncio do que, mais tarde, será definido como “saber a fazer com seu sintoma”.

Partindo da frase de Lacan descrita acima, Miller chama a atenção para os dois eixos do sintoma: (1) existe, por um lado, um núcleo que se pode denominar castração, sofrimento, “mais-de-gozo” em consequência do “menos-de-gozo” da operação significante. (2) Existe, por outro lado, no sintoma, uma mensagem endereçada a outro e que espera uma decifração.

Em outras palavras, é

possível um trajeto na formação do sintoma que, a partir de um "menos" que se instala como consequência da extração do *objeto "a"* pela operação significante, faz surgir uma manutenção de significação que produz uma resposta que, exatamente por ser da ordem do impossível, relança a busca de significação. Essa busca de significação é explicada por Miller como sendo a “transformação da queixa que emerge do fundo do desprazer em mensagem [...] fazendo existir o sujeito de uma maneira nova no campo do Outro, e sob forma constituída”. No entanto, quando se forma uma queixa ou, como nos diz M. Silvestre, quando fazemos coincidir uma queixa e um sofrimento, vamos perceber que ela se desnatura, pois há o que se pode dizer e o que não se pode dizer pela própria impossibilidade do significante em dizer tudo.

Essa dificuldade é o que faz com que a lógica própria do Outro, ao estabelecer essa relação entre queixa e sofrimento, vá congelar e fixar

a queixanumacerta cena. Ouseja, do que se trata aqui é de umcertopercurso pulsional que se estabelecenarelação do sujeitocom “um dos objetos que havia anteriormente abandonado”, porque “a libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação que deixou atrás de si, nesses pontos do seudesenvolvimento”. Pontos em que queixa e sofrimento, gozo e mensagem, castração e envelope formal se fizeram coincidir.

Quandoalguémvai até um analista, o que se espera é que ele façaum relato de sua infelicidade. Nesse relato, pode-se, então, perceber que háumaharmonia, háumarranjo que faz existir umasatisfaçãoalimesmoonde o sujeito se queixa de dor. Esse é o paradoxo que Lacan define em*Televisão*, quando nos diz que “o sujeito é feliz”. E continua: “É mesmosuadefinição, pois que ele não pode nada deversenãoao momento oportuno (*heur*), à sorte (*fortune*) dito de outra forma, e todo momento oportuno é bom para isso que o mantém, ouseja, porque ele se repete”.

Por tudo isso se pode afirmar que “o sintoma analítico, quando formatado no campo do Outro, constituído como o que se instaura da cadeia significante, tem estrutura de ficção”. Isso demonstra-o muito bem o sintoma histérico, à medida que, na histeria, vê-se o sintoma como ser de verdade do sujeito. Quer dizer, no sintoma histérico “o objeto ‘a’ como real virá no lugar da verdade”, como muito bem o mostra a estrutura do *Discurso da Histeria*.

Pode-se acrescentar, ainda, que, ao instalar-se como “ser de verdade”, o sintoma promove a construção de uma suposição de saber no campo do Outro. Partindo da premissa estrutural de que não há relação entre o sujeito e o Outro, o sujeito está, desde sempre, afastado de sua verdade. O laço possível entre o sujeito e o Outro faz-se pelo sintoma. E se faz com a criação de um “ser de saber” ali, onde a verdade lhe está vetada.

Sintoma: um novo caminho

Estrutura de ficção, queixa, sofrimento... não importa como a ele se refira, a verdade é que o sintoma é o que vaidizer de algo que não vaibem e o “clamor da humanidade” é pelo apaziguamento do mal-estar que isso provoca.

No entanto, é preciso repetir aqui uma afirmação que merece toda atenção: “o sintoma é o mais particular que cada um tem e, por outra parte, o mais real. O sintoma é, precisamente, o que faz com que cada um, em alguma coisa, não consiga fazer absolutamente o que lhe está prescrito pelo discurso de seu tempo.” Esta afirmação alerta para uma questão de ordem prática e, por que não?, ética. É fundamental ao se escutar o relato da infelicidade de alguém, que se tenha em conta o fato de que essa infelicidade é o que há de mais particular, é o que sustenta esse sujeito como constituído e, mesmo que tenha sido por não estar mais funcionando

como antes que ele procura uma análise, ainda assim é seu traço mais particular: “Eu sou assim!”, dizem de várias maneiras os candidatos à análise. Talvez, por isso, é que, ao se diferenciar o lugar do analista do lugar do terapeuta, diremos de um compromisso que não é com o movimento humanitário que, com seu clamor, espera poder universalizar o que há de mais particular. O compromisso que se estabelece é com a particularidade de cada um. Pôr-se a serviço de uma verdade supõe um desejo que já foi qualificado de inumano. Talvez, por isso, é que Lacan, em sua *Nota Italiana*, diz que o analista é o rebotalho da humanidade, à proporção que quer saber daquilo que todos querem esquecer. Ou seja, Lacan vai afirmar que o mal-estar na civilização consiste em gozar da renúncia ao gozo. Sim, porque, ao estabelecer uma solução de compromisso entre as duas forças opostas que estão em conflito, o sujeito renuncia a uma possibilidade de um gozo possível. Gozo

este que só será possível

à medida que o Outro é, por sua vez, esvaziado de gozo, ou seja, à medida que o sujeito deixa de acreditar que o Outro quer dele sua castração, que o Outro vai retirar o que ele tem de mais precioso: seu pequeno nada. Uma analista explicita muito bem essa questão ao pronunciar esta frase: “Percebi que sempre tive medo de perder o que nunca tive.”

Talvez estejam se perguntando o que tudo isso tem a ver com o nosso tema? Ora, simplesmente o seguinte: na verdade o que está no cerne do que se entende por sexo, mais precisamente por relação sexual — e aqui se refere, obviamente, ao que diz a psicanálise — é a sua impossibilidade, o menos, o resto irreduzível de gozo que se assinalou há pouco. Assim, a única possibilidade de estabelecer uma relação com o Outro sexo é pelo viés do sintoma: [($\$$ <> a) - A]. É por isso que as tentativas de se curar o

“sexo”, seja pela medicina, seja pelas terapias “sexológicas”, acabam, na maioria das vezes, em fracasso, pois apenas reforçam a impossibilidade que já existe ali.

Mas, seria possível curar o sexo através da psicanálise? Talvez o que se possa dizer é que, diante da impossibilidade da relação sexual, deixa claro que homem e mulher estão do mesmo lado, qualseja, ambos têm apenas uma única maneira de representar o sexo: o simulacro fálico. Em outras palavras, pode-se dizer que ambos os gêneros têm em comum uma só espécie de gozo: o gozo fálico. O que vai diferenciá-los é o acesso ao Outro. É essa diferença que os reparte em duas espécies, fazendo obstáculo a que a dimensão cultural de gênero venha recobrir a sexuação.